



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – DCSA
Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis

**Educação Financeira em Pequenos Empreendimentos:
Um Estudo com Gestores de Postos de Combustíveis no Vale do Mamanguape
(PB)**

Área Temática: Educação Financeira e Gestão de Negócios

Autora – Raissa Rocha Felix – UFPB – raissinharocha@yahoo.com

Orientador – José Jassuipe da Silva Morais – jassuipe@hotmail.com

Dimmitre Morant Vieira Gonçalves Pereira – UFPB – dimmitre@gmail.com

Manoel Heleno Gomes da Silva – UFPB – mhgsilva2013@gmail.com

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar o nível de conhecimento e as práticas de educação financeira entre gestores de postos de combustíveis do Vale do Mamanguape (PB), identificando lacunas, estratégias de gestão e potenciais para capacitação. A relevância da pesquisa reside na carência de estudos focados na realidade desses pequenos empreendimentos, cuja sustentabilidade financeira depende da aplicação eficaz de princípios gerenciais e do domínio de práticas básicas de controle e planejamento. A fundamentação teórica articula autores que discutem a educação financeira como ferramenta estratégica para micro e pequenas empresas. Moterle, Wernke e Junges (2019), Marion (2015), Klein e Almeida (2017) e Gonçalves-Araújo et al., (2018) contribuíram para a análise dos dados à luz de referenciais que ressaltam a importância da gestão financeira adaptada às realidades locais, considerando os fatores contingenciais, como porte, ambiente e estratégias organizacionais que influenciam a adoção de práticas de contabilidade gerencial e a efetividade das decisões de gestão. A metodologia adotada é qualitativa e descritiva, com aplicação de questionário estruturado via Google Forms e posterior análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). A amostra foi composta por 19 gestores de postos de combustíveis da região, dos quais 11 responderam ao questionário, correspondendo a uma taxa de retorno de 57,89%. As respostas foram categorizadas em quatro dimensões: conhecimento conceitual, práticas financeiras, planejamento e endividamento, e interesse formativo. Os resultados revelam que, embora os gestores demonstrem familiaridade com o termo educação financeira, suas práticas são pouco estruturadas, refletindo uma gestão predominantemente intuitiva. Destaca-se, no entanto, o forte interesse por ações formativas, o que representa uma oportunidade para intervenções educativas. Conclui-se que o objetivo foi alcançado, e recomenda-se a formulação de políticas públicas e ações educativas contínuas que fortaleçam a profissionalização da gestão financeira no setor. Estudos futuros podem ampliar o escopo e aprofundar a análise comparativa entre diferentes setores ou regiões.

Palavras-chave: Educação Financeira. Gestão Empresarial. Pequenos Empreendimentos.

1 Introdução

A atuação dos postos de combustíveis configura-se como atividade essencial à dinâmica econômica regional, especialmente em municípios interioranos, como os do Vale do Mamanguape, no estado da Paraíba.

Esses estabelecimentos não apenas abastecem a mobilidade urbana e rural, como também exercem papel significativo na geração de empregos e arrecadação fiscal local. Entretanto, observa-se que muitos desses empreendimentos enfrentam dificuldades persistentes no que tange à gestão financeira, as quais se intensificam diante da instabilidade dos preços praticados no setor, da elevada carga tributária incidente sobre os combustíveis e da ausência de práticas sistemáticas de planejamento e controle das finanças empresariais.

No contexto da micro e pequena empresa, tais desafios são agravados pela falta de formação gerencial específica dos gestores, que, muitas vezes, assumem funções administrativas sem o domínio de instrumentos básicos de gestão financeira (SEBRAE, 2023, Relatório de Gestão – Pernambuco).

A literatura especializada reconhece que o domínio de práticas de educação financeira transcende a mera aplicação de técnicas contábeis, configurando-se como um fator estratégico para a sustentabilidade dos pequenos negócios. Ao promover uma cultura organizacional orientada ao planejamento, à análise crítica e à gestão responsável de recursos, a educação financeira contribui diretamente para decisões mais conscientes, reduzindo riscos relacionados ao endividamento excessivo e à descapitalização operacional (Abadia & Camisassa, 2025).

No contexto brasileiro, o nível de alfabetização financeira ainda apresenta limitações que impactam diretamente a gestão dos pequenos negócios. De acordo com o Estudo ANBIMA/OCDE (2022), o domínio de práticas de educação financeira é um fator decisivo para a sustentabilidade das micro e pequenas empresas, pois contribui para decisões mais conscientes, melhora o planejamento financeiro e reduz os riscos de endividamento e descapitalização. A construção de uma cultura de gestão financeira sólida, portanto, é essencial para que esses empreendimentos enfrentem os desafios do mercado com maior autonomia e resiliência.

Diante desse cenário, este estudo parte da seguinte problemática: ***Em que medida os gestores de postos de combustíveis do Vale do Mamanguape compreendem e aplicam práticas de educação financeira em seus empreendimentos?***

A pesquisa tem como objetivo geral ***analisar o nível de conhecimento e as práticas de educação financeira entre gestores de postos de combustíveis do Vale do Mamanguape (PB), identificando lacunas, estratégias de gestão e potenciais para capacitação.***

A relevância deste trabalho reside na escassez de investigações científicas sobre o tema no recorte geográfico em questão, sendo evidente a necessidade de compreender como esses gestores lidam com o planejamento financeiro em um setor altamente regulado e sensível a variações de mercado.

Além disso, a literatura aponta que a adoção de práticas de educação financeira contribui significativamente para a autonomia e sustentabilidade das micro e pequenas empresas, desde que articulada com ações formativas voltadas para a mudança de comportamento e a construção de hábitos financeiros saudáveis (DOMINGOS, 2022).

O estudo delimita-se aos municípios de Itapororoca, Jacaraú, Mamanguape e Rio Tinto, todos localizados na microrregião do Litoral Norte da Paraíba, e fundamenta-se na abordagem qualitativa com análise de conteúdo de caráter

categorial, conforme proposta por Bardin (2016). Embora o Vale do Mamanguape seja composto por 11 municípios, esta pesquisa concentrou-se em quatro deles: Itapororoca, Jacaraú, Mamanguape e Rio Tinto. A escolha foi justificada por critérios de viabilidade e representatividade, considerando que tais localidades apresentam maior concentração de postos de combustíveis em funcionamento e maior acessibilidade para a coleta de dados. Além disso, a seleção levou em conta a disponibilidade e o retorno dos gestores ao questionário aplicado, o que garantiu a efetividade da amostra. Dessa forma, o recorte definido mostrou-se suficiente para atender ao objetivo do estudo, sem comprometer a análise proposta. Recomenda-se, contudo, que pesquisas futuras ampliem o escopo para os demais municípios, possibilitando comparações mais abrangentes.

Essa técnica possibilita a sistematização das respostas dos participantes em categorias temáticas, favorecendo a interpretação crítica dos dados levantados por meio de questionário estruturado.

Nos tópicos subsequentes, são apresentadas a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados, a análise dos resultados obtidos junto aos gestores e, por fim, as considerações sobre os resultados e suas implicações para futuras ações de formação e desenvolvimento na área de educação financeira empresarial.

2 Fundamentação Teórica

A educação financeira tem ganhado destaque no debate acadêmico e nas políticas públicas como um elemento estruturante para a sustentabilidade econômica de indivíduos, famílias e organizações. No contexto das micro e pequenas empresas, sua relevância é ainda mais acentuada, especialmente quando os gestores carecem de formação adequada para lidar com instrumentos de controle e planejamento financeiro.

Segundo Moterle, Wernke e Junges (2019), muitos gestores de pequenas empresas operam com baixo domínio sobre conceitos fundamentais da gestão financeira, o que limita o uso estratégico de ferramentas como fluxo de caixa, indicadores de liquidez e capital de giro. Essa carência tende a impactar diretamente as decisões financeiras, que frequentemente são tomadas de maneira intuitiva, sem respaldo em dados objetivos. Essa perspectiva é reforçada por Stroher e Freitas (2006), que apontam a ausência de conhecimentos contábeis como um dos principais entraves à adoção de práticas gerenciais eficientes.

Além disso, Marion (2015) destaca que entre as causas mais recorrentes de falência de pequenos negócios estão a ausência de planejamento financeiro e o desconhecimento do fluxo de caixa. Oliveira & Nascimento (2024) reforçam que, diante da complexificação do ambiente empresarial, o uso de ferramentas financeiras, mesmo básicas, e controles adaptados à realidade das microempresas são fundamentais para reduzir vulnerabilidades e melhorar a tomada de decisões.

A discussão teórica também se ampara na Teoria da Contingência, conforme argumentado por Klein e Almeida (2017), segundo a qual não existe uma estrutura única e ideal de gestão aplicável a todas as organizações. Nesse sentido, a adoção de práticas financeiras deve ser adaptada às condições específicas do ambiente em que a empresa está inserida, incluindo fatores como formação do gestor, grau de concorrência, tamanho do empreendimento e setor de atuação. Tal perspectiva é especialmente relevante para os postos de combustíveis do Vale do Mamanguape, cuja gestão está submetida a particularidades econômicas, fiscais e operacionais da região.

Figueiró & Marquez (2024), ao analisarem o uso do fluxo de caixa em micro e pequenas empresas, identificaram que, embora gestores valorizem fortemente práticas como planejamento e controle financeiro, muitos relatam dificuldades técnicas para operacionalizar essas funções de forma sistemática. Essa disparidade entre valorização teórica e execução prática evidencia a carência de competências técnicas e aponta para a urgência de programas de formação e capacitação contínua.

Por sua vez, estudos como o de Gonçalves-Araújo et al. (2018) defendem que a compreensão do trabalho do gestor financeiro deve ser contextualizada e integrada, considerando não apenas suas funções técnicas, mas também seus papéis sociais e estratégicos dentro da organização. A abordagem proposta por esses autores valoriza o entendimento do cotidiano gerencial como um espaço de decisões complexas, onde se entrecruzam dimensões econômicas, humanas e institucionais.

Diante desse cenário, a promoção da educação financeira no âmbito das pequenas empresas e especificamente nos postos de combustíveis, deve ser compreendida não como um processo pontual, mas como um esforço contínuo de qualificação gerencial. A sistematização do conhecimento financeiro, associada à leitura crítica do ambiente de negócios, pode contribuir significativamente para o fortalecimento desses empreendimentos.

3 Procedimentos metodológicos

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e de tipo descritivo. De acordo com Prodanov e De Freitas (2013), esse tipo de pesquisa visa descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade, possibilitando a observação sistemática, o registro e a análise de aspectos relevantes de um grupo ou categoria social. A abordagem qualitativa, por sua vez, permite mensurar percepções e comportamentos por meio de instrumentos padronizados de coleta e tratamento de dados, assegurando maior objetividade na análise dos resultados.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário estruturado, elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Google Forms. O questionário foi aplicado diretamente a gestores de postos de combustíveis dos municípios paraibanos de Itapororoca, Jacaraú, Mamanguape e Rio Tinto, localidades integrantes do Vale do Mamanguape, no Litoral Norte do estado. O instrumento continha questões de múltipla escolha organizadas em blocos temáticos que abordavam: perfil do gestor, práticas de controle financeiro, estratégias de poupança e planejamento, bem como conhecimentos e percepções acerca da educação financeira no contexto empresarial.

Ao todo, foram enviados 19 questionários e obtidas 11 respostas válidas, o que corresponde a uma taxa de retorno de aproximadamente 57,89%. Apesar da amostra ser reduzida, a adesão pode ser considerada significativa para o universo estudado, especialmente por se tratar de uma pesquisa exploratória com foco regional.

Para a análise e interpretação dos dados, optou-se pela técnica categorial de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Essa abordagem metodológica permite a decomposição das respostas em unidades de registro e categorias temáticas, possibilitando identificar núcleos de sentido que se repetem ou se destacam no material empírico. Como destaca a autora, a análise de conteúdo é particularmente eficaz para estudar fenômenos que envolvem valores, percepções e atitudes dos sujeitos, mesmo quando os dados provêm de instrumentos fechados ou padronizados.

Assim, a categorização dos dados buscou construir um panorama interpretativo das práticas e do conhecimento financeiro dos gestores participantes, apoiando-se

em critérios de relevância, frequência e coerência entre os discursos. A análise categorial, embora utilizada aqui sobre dados predominantemente quantitativos, mostrou-se adequada à proposta da pesquisa por permitir o aprofundamento qualitativo na compreensão das respostas, revelando padrões e lacunas no comportamento gerencial.

A condução metodológica seguiu os princípios éticos da pesquisa científica, garantindo o anonimato dos participantes e o uso das informações exclusivamente para fins acadêmicos. Adicionalmente, o texto passou por revisão de linguagem e contou com apoio pontual nas análises, com o auxílio de ferramentas digitais.

4 Apresentação e análise dos resultados

A partir da análise das 11 respostas válidas ao questionário aplicado junto a gestores de postos de combustíveis nos municípios do Vale do Mamanguape (PB), foi possível organizar as informações em quatro categorias interpretativas, seguindo a técnica categorial de Bardin (2016). As categorias emergiram a partir de núcleos de sentido recorrentes nas respostas, articulando aspectos conceituais, práticos e atitudinais dos participantes diante da temática da educação financeira.

No total, 19 postos receberam os questionários, dos quais 11 responderam (57,9%) e 8 não responderam (42,1%). Essa proporção evidencia um nível de participação relevante, ainda que com lacunas que podem limitar a abrangência da análise.

Ao final deste trabalho, apresenta-se um Apêndice B – Relação de Postos de Combustíveis e Questionários Enviados, que detalha nominalmente os postos participantes e aqueles que não responderam.

C1 – Conhecimento Conceitual

A maioria dos gestores afirmou já ter ouvido falar sobre o termo "educação financeira". No entanto, ao serem questionados sobre os conteúdos associados a essa expressão, grande parte das respostas revelaram definições genéricas, frequentemente vinculadas à "economia doméstica" ou ao "controle de gastos", demonstrando uma compreensão restrita e pouco aprofundada. Esse resultado corrobora os achados de Moterle, Wernke e Junges (2019), que apontam que o conhecimento financeiro superficial ainda predomina entre micro e pequenos empresários, sendo insuficiente para orientar uma prática gerencial qualificada.

Ainda nesse sentido, Gonçalves-Araújo et al. (2018) destacam que o conhecimento conceitual por si só não garante a capacidade de tomada de decisões financeiras eficazes, sendo necessário que esse saber seja mobilizado de forma crítica e contextualizada. A dissonância entre o conhecimento declarativo e o comportamento financeiro observado reforça a importância de ações educativas mais sistemáticas e aplicadas à realidade do setor.

C2 – Práticas Financeiras

Os dados indicam que aproximadamente 40% dos gestores não utilizam nenhum tipo de controle formal de receitas e despesas. Entre esses, predominam práticas baseadas na memória ou em anotações informais em cadernos. Essa fragilidade nas rotinas de controle financeiro sinaliza um risco elevado à sustentabilidade dos empreendimentos, conforme apontado por Feitosa, Campos, Santos & Feitosa (2024), que identificam que a falta de registros formais e de informação contábil adequada compromete decisivamente a saúde financeira das micro e pequenas empresas.

Além disso, observa-se que mesmo entre os gestores que afirmam realizar algum tipo de controle, poucos fazem uso de ferramentas contábeis ou digitais apropriadas, o que limita a qualidade da gestão. Rodrigues, Lira & Naas (2014) demonstram que o uso de ferramentas de gestão operacional em pequenas empresas é muitas vezes impedido pelo desconhecimento técnico dos gestores ou pela falta de familiaridade com tais instrumentos.

C3 – Planejamento e Endividamento

Outro dado relevante refere-se à fragilidade do planejamento financeiro de curto e médio prazo. A maioria dos entrevistados afirmou não realizar projeções periódicas, tampouco estabelecer metas formais de poupança ou reinvestimento. Essa ausência de planejamento revela um padrão de gestão reativa, que se orienta pelas demandas imediatas do mercado, tornando os negócios mais suscetíveis a crises conjunturais e ao endividamento progressivo.

Esse cenário está em consonância com os apontamentos de Marion (2015), ao destacar que a falta de previsibilidade e a informalidade no trato financeiro são causas frequentes de mortalidade empresarial. A Teoria da Contingência, como discutida por Klein e Almeida (2017), permite compreender que tais lacunas não decorrem apenas da falta de interesse, mas também de condicionantes estruturais, como ausência de apoio institucional, baixo acesso à informação e formação deficiente.

C4 – Interesse Formativo

Apesar das fragilidades identificadas, um dado relevante é que cerca de 90% dos participantes manifestaram interesse em participar de cursos, oficinas ou outras ações formativas voltadas à educação financeira. Esse resultado revela uma disposição significativa para o aprendizado e a melhoria da prática gerencial. Tal disposição pode ser compreendida, à luz de Domingos (2022), como uma abertura para processos de qualificação contínua, essenciais para a autonomia e a sustentabilidade das pequenas empresas, uma vez que a educação financeira deve ser integrada à formação dos indivíduos com vistas à mudança comportamental e ao fortalecimento da gestão.

A literatura enfatiza que o desenvolvimento de competências financeiras não se resume à transmissão de conteúdos técnicos, mas envolve a construção de uma cultura de planejamento, disciplina e controle — valores que precisam ser contextualizados e trabalhados de forma prática e dialógica, conforme sugerem estudos como os de Moterle, Wernke & Junges (2019), que identificaram que muitos gestores de pequenas empresas conhecem conceitos financeiros de forma declarativa, mas com aplicação limitada no cotidiano gerencial.

4.1 Cruzamento entre Resultados e Fundamentação Teórica

A análise categorial dos dados coletados revelou consistência com as interpretações propostas pela literatura especializada. Na categoria C1 – Conhecimento Conceitual, observou-se que, embora a maioria dos gestores entrevistados reconheça a expressão "educação financeira", suas definições tendem a ser genéricas e limitadas, frequentemente associadas ao controle de gastos ou à economia doméstica. Tal compreensão restrita compromete a aplicação de práticas gerenciais mais eficazes, como já identificado por Domingos (2022), ao defender que a educação financeira precisa ser compreendida como um processo contínuo de aprendizagem que transcende conteúdos técnicos e abrange a internalização de comportamentos financeiros sustentáveis. Essa lacuna entre o saber declarado e o

uso real de instrumentos gerenciais também é discutida por Gonçalves-Araújo et al. (2018), os quais destacam que os gestores de pequenas empresas atuam em um contexto marcado por múltiplas dimensões — técnica, social, institucional e cultural — o que demanda formação crítica e contextualizada para que suas decisões sejam mais qualificadas.

Na categoria C2 – Práticas Financeiras, os dados indicam que 40% dos participantes não utilizam qualquer sistema formal de controle de receitas e despesas, recorrendo a práticas informais como registros em cadernos ou memória. Essa carência de sistematização reflete o diagnóstico feito por Teixeira e Pussiarel (2020), ao associarem a ausência de controle financeiro à fragilidade estrutural das micro e pequenas empresas. A baixa adoção de ferramentas contábeis reforça o argumento de Rodrigues, Lira e Naas (2014), que ressaltam que o uso de instrumentos gerenciais está diretamente relacionado à capacitação técnica do gestor e à profissionalização das rotinas administrativas.

A categoria C3 – Planejamento e Endividamento evidenciou que os gestores não elaboram projeções financeiras nem definem metas de médio e longo prazo. Tal ausência compromete a sustentabilidade do negócio, conforme já alertado por Marion (2015), para quem a inexistência de planejamento é uma das principais causas da falência de pequenos empreendimentos. Além disso, o comportamento observado dialoga com a Teoria da Contingência, apresentada por Klein e Almeida (2017), a qual argumenta que as práticas gerenciais devem ser adaptadas às especificidades do ambiente interno e externo da organização, incluindo variáveis como o perfil do gestor, o setor de atuação e o grau de formalização da empresa.

Por fim, a categoria C4 – Interesse Formativo apresentou um indicativo promissor: cerca de 90% dos gestores afirmaram interesse em participar de oficinas, cursos e capacitações sobre finanças. Esse dado converge com as análises de Domingos (2022) e Estudo ANBIMA/OCDE (2022), que defendem que a alfabetização financeira pode ser um vetor de transformação da gestão e da autonomia financeira dos indivíduos e dos negócios. A disposição para o aprendizado, portanto, aponta para a necessidade de políticas públicas e iniciativas formativas voltadas à realidade das pequenas empresas, com metodologias dialógicas e aplicadas ao cotidiano gerencial.

Dessa forma, os resultados empíricos corroboram os principais eixos teóricos do estudo, indicando que o fortalecimento da gestão financeira nos postos de combustíveis do Vale do Mamanguape depende não apenas de conhecimentos técnicos, mas de processos educativos contextualizados, que promovam o desenvolvimento de competências gerenciais sólidas e sustentáveis.

4.2 Soluções Propostas

Considerando as fragilidades observadas nas práticas financeiras dos gestores de postos de combustíveis da região do Vale do Mamanguape, propõem-se as seguintes ações como medidas para enfrentamento das lacunas identificadas:

a) Criação de programas de capacitação continuada em educação financeira empresarial – Ações como oficinas, minicursos e treinamentos presenciais ou online, com foco em planejamento financeiro, controle de fluxo de caixa e uso de ferramentas digitais. Tais programas devem priorizar metodologias ativas e linguagem acessível, facilitando a internalização dos conceitos por parte dos gestores.

b) Estabelecimento de parcerias com instituições de ensino superior e órgãos como o SEBRAE – O fomento de projetos de extensão universitária pode ampliar o alcance de iniciativas formativas, criando vínculo entre o saber acadêmico e a prática

local. O SEBRAE, por sua vez, já dispõe de programas voltados a micro e pequenos empresários que podem ser adaptados à realidade dos postos de combustíveis.

c) Implantação de núcleos de apoio contábil e financeiro em associações comerciais locais – Com suporte técnico especializado, esses núcleos poderiam auxiliar empreendedores na organização contábil e na adoção de ferramentas de controle, promovendo maior profissionalização na gestão.

d) Desenvolvimento de materiais educativos específicos para o setor – Guias práticos, cartilhas digitais e vídeos educativos sobre temas como precificação, impostos, controle de estoque e capital de giro, contextualizados à realidade dos postos de combustíveis e difundidos por meio das redes sociais e canais locais de comunicação.

e) Incorporação de tecnologias acessíveis de gestão financeira – Incentivar o uso de aplicativos de controle financeiro gratuitos ou de baixo custo, como alternativa viável para modernizar a rotina dos empreendimentos, aumentando a confiabilidade e a eficiência da gestão.

Essas soluções, fundamentadas nos dados empíricos e no referencial teórico, visam superar as limitações observadas, promovendo uma cultura de gestão baseada no conhecimento técnico, na sustentabilidade econômica e na autonomia dos empreendedores locais.

4.3 Síntese interpretativa

A análise das quatro categorias revelou um panorama claro sobre a realidade gerencial dos postos de combustíveis no Vale do Mamanguape. A compreensão conceitual sobre educação financeira existe, mas não é acompanhada por práticas consistentes de controle, planejamento ou uso sistemático de instrumentos de gestão. Tal dissociação entre saber e fazer compromete a sustentabilidade dos empreendimentos, especialmente diante da vulnerabilidade a variações de mercado, tributação elevada e baixa qualificação técnica.

Por outro lado, a expressiva manifestação de interesse por ações formativas indica a presença de um potencial de transformação. A disposição dos gestores em aprender e melhorar suas práticas evidencia que intervenções bem direcionadas podem produzir impactos relevantes na profissionalização do setor.

Assim, as categorias analisadas não apenas diagnosticam um quadro de limitações operacionais, mas também apontam caminhos para a construção de soluções. Este é o ponto de transição que nos leva às Considerações Finais, onde serão discutidas as implicações dos achados, o alcance do objetivo proposto e as possibilidades para o avanço da educação financeira no contexto estudado.

5 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar o nível de conhecimento e as práticas de educação financeira entre gestores de postos de combustíveis situados no Vale do Mamanguape (PB), com foco na identificação de fragilidades operacionais, estratégias de gestão e potenciais para capacitação. A partir da análise de conteúdo, estruturada conforme Bardin (2016), os dados foram organizados em quatro categorias analíticas: conhecimento conceitual, práticas financeiras, planejamento e endividamento e interesse formativo.

Os resultados demonstraram que, embora os gestores se declarem familiarizados com o termo *educação financeira*, há claras limitações quanto à sua aplicação prática. Tal descompasso entre o saber declarado e o agir cotidiano revela uma lacuna entre o conhecimento conceitual e o uso efetivo de ferramentas de gestão,

conforme argumentado por Gonçalves-Araújo et al. (2018), que destacam que a gestão em pequenos negócios é atravessada por múltiplas dimensões – técnicas, sociais e institucionais – exigindo competências adaptativas frente à complexidade do ambiente e à escassez de recursos.

A ausência de registros financeiros estruturados, observada em parte expressiva dos entrevistados, evidencia uma precariedade nas rotinas gerenciais, conforme também apontado por Teixeira e Pussiarel (2020). Esses autores relacionam a ausência de controle sistemático à fragilidade institucional das micro e pequenas empresas, especialmente quando o gestor carece de formação específica para lidar com as exigências de controle e planejamento financeiro.

Além disso, os dados apontam que a falta de metas e projeções financeiras compromete o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos. Como reforça Rodrigues et al. (2014), o domínio técnico e a familiaridade com instrumentos de planejamento e controle são determinantes para a longevidade dos negócios, especialmente em setores com alta competitividade e margens de risco elevadas, como o de combustíveis.

Apesar dessas limitações, é promissora a identificação de elevado interesse formativo por parte dos gestores entrevistados, dos quais cerca de 90% demonstraram disposição para participar de capacitações. Essa motivação, segundo Domingos (2022), representa uma oportunidade estratégica para fomentar transformações comportamentais e promover a autonomia financeira por meio de processos contínuos de aprendizagem, desde que respeitadas as especificidades socioculturais dos sujeitos envolvidos.

Conclui-se, portanto, que o objetivo da pesquisa foi alcançado ao evidenciar tanto os limites quanto os potenciais do grupo estudado. A análise sugere que ações de qualificação técnica, adaptadas ao contexto local e apoiadas por políticas públicas, podem fortalecer a gestão dos pequenos negócios, contribuindo para a sustentabilidade econômica regional. Recomenda-se que futuros estudos ampliem o escopo territorial da investigação, com comparações intermunicipais ou intersetoriais, a fim de aprofundar o entendimento sobre as práticas financeiras em diferentes realidades periféricas do país.

Referências

ABADIA, H. da S., & CAMISASSA, L. (2025). *O impacto da educação financeira na sustentabilidade das micro e pequenas empresas (MPEs)*. Revista FT, 29(147). <https://revistaft.com.br/o-impacto-da-educacao-financeira-na-sustentabilidade-das-micro-e-pequenas-empresas/>

ANBIMA & OCDE. (2022). *Educação financeira nas micro e pequenas empresas: Relatório Brasil* [Relatório]. ANBIMA. <https://www.anbima.com.br/data/files/5C/D3/CE/83/D9B9E8107EBC36E8B82BA2A8/educ-financeira-mpe.vFinal.pdf>

BARDIN, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>

DOMINGOS, R. A. (2022). *Educação financeira: Uma ciência comportamental. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, 3(4), e341217. <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1217>

FEITOSA, M. F. M., CAMPOS, E. S., SANTOS, T. M. dos, & FEITOSA, G. O. (2024). Uma ausência não sentida? Informação contábil e sobrevivência das micro e pequenas empresas. *Revista Aracê*, 6(4), 14011-14036. Recuperado de <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/download/2136/2603/8092>

FIGUEIRÓ, I. C., & MARQUEZ, J. A. R. (2024). *O fluxo de caixa na gestão de micro e pequenas empresas. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, 12(3), 1-13. <https://doi.org/10.61164/rmnm.v12i3.3276>

GONÇALVES-ARAÚJO, J., SILVA, L. V. B. da, & SILVA, M. E. P. C. da. (2018). Pequenas empresas e as práticas gerenciais: contribuições a partir da observação das revistas brasileiras. *Estudios Gerenciales*, 34(149), 429–440. <https://doi.org/10.18046/j.estger.2018.149.2752>

KLEIN, L.; ALMEIDA, L. B. de. (2017). A Influência dos Fatores Contingenciais na Adoção de Práticas de Contabilidade Gerencial nas Indústrias Paranaenses. *Revista Universo Contábil*, 13(3), 90–119. <https://doi.org/10.4270/ruc.20173%p>

MARION, J. C. (2015). *Contabilidade empresarial*. São Paulo: Atlas, 2015.

MOTERLE, S., WERNKE, R., & JUNGES, I. (2019). Conhecimento sobre gestão financeira dos dirigentes de pequenas empresas do Sul de Santa Catarina. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 18(1), 31–56. <https://doi.org/10.18593/race.16321>

OLIVEIRA, S. M. N. de, & NASCIMENTO, A. J. S. do. (2024). Ferramentas de gestão financeira: Uma revisão bibliográfica acerca do uso em micro e pequenas empresas. *Caderno de Gestão e Empreendedorismo*, 12(1), e61593. Universidade Estadual da Paraíba. <https://periodicos.uff.br/cge/article/download/61593/36739/223004>

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>

RODRIGUES, T. K. de A., LIRA, Á. de M., & NAAS, I. A. (2014). Ferramentas da gestão de operações em pequenas empresas brasileiras. *Revista Independente de Gestão e Produção*, 5(4), 1112–1131. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. <https://doi.org/10.14807/ijmp.v5i4.216>

SEBRAE/PE. (2023). *Relatório de Gestão 2023 – SEBRAE Pernambuco*. <https://apilai.sebrae.com.br/ArquivosPortalLai/PE/Presta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conta/s/Relat%C3%B3rio%20de%20Gest%C3%A3o%20-%202023.pdf>

STROEHER, Ângela Maria; FREITAS, Henrique. *Identificação das necessidades de informações contábeis de pequenas empresas para tomada de decisão organizacional*. In: III Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação – CONTECSI, 3., São Paulo, 2006. Anais... São Paulo: FEA/USP, 2006. <http://hdl.handle.net/10183/4556>

TEIXEIRA, D. M., & PUSSIAREL, D. A. F. (2020). Importância da gestão financeira para a sobrevivência das micro e pequenas empresas em cenários atípicos. *REINPEC*, 6(3), 1-14. <https://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/download/597/508>

Apêndice A – Questionário Aplicado para a Coleta de Dados

Questionário sobre Educação Financeira – Postos de Combustíveis

1. Há quanto tempo você atua no setor de combustíveis ?

- Menos de 1 ano
- 1 a 3 anos
- 4 a 10 anos
- Mais de 10 anos

2. Qual o porte do seu posto?

- Pequeno
- Médio
- Grande

3. Você possui um controle mensal de receitas e despesas do seu posto?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Raramente

4. Com que frequência você analisa os relatórios financeiros do seu posto?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Raramente

5. Você sabe calcular o custo real do litro de combustível vendido (considerando tributos, transporte, operação, etc.?)

- Sim
- Mais ou menos
- Não

6. Como você define o preço de venda dos combustíveis?

- Sigo a concorrência
- Com base nos meus custos
- Pela margem sugerida pela distribuidora
- Outros (especifique): _____

7. Você possui uma reserva financeira para emergências ou imprevistos no negócio?

- Sim
- Não

8. Seu posto possui dívidas em aberto atualmente?

- Sim
- Sim, e estão controladas
- Sim, e estão fora de controle

9. Você já participou de algum curso ou palestra sobre Educação Financeira Empresarial?

- Sim
- Não

10. De 1 a 5, como você avalia seu conhecimento sobre finanças empresariais?

- 1 - Muito baixo
- 2 - Baixo
- 3 - Moderado
- 4 - Alto
- 5 - Muito Alto

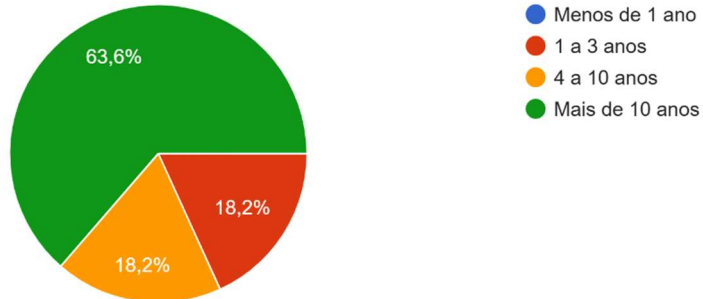
Apêndice B – Relação de Postos de Combustíveis e Questionários Enviados

Ordem	Cidade	Posto	Gestor	Respondido
1	Itapororoca	Posto 1	Proprietário 1	Sim
2	Itapororoca	Posto 2	Proprietário 2	Sim
3	Itapororoca	Posto 3	Proprietário 3	Sim
4	Jacaraú	Posto 4	Proprietário 4	Não
5	Jacaraú	Posto 5	Proprietário 5	Não
6	Jacaraú	Posto 6	Proprietário 6	Sim
7	Jacaraú	Posto 7	Proprietário 7	Sim
8	Mamanguape	Posto 8	Proprietário 8	Sim
9	Mamanguape	Posto 9	Proprietário 9	Sim
10	Mamanguape	Posto 10	Proprietário 10	Sim
11	Mamanguape	Posto 11	Proprietário 11	Sim
12	Mamanguape	Posto 12	Proprietário 12	Não
13	Mamanguape	Posto 13	Proprietário 13	Sim
14	Mamanguape	Posto 14	Proprietário 14	Não
15	Mamanguape	Posto 15	Proprietário 15	Não
16	Mamanguape	Posto 16	Proprietário 16	Sim
17	Rio Tinto	Posto 17	Proprietário 17	Não
18	Rio Tinto	Posto 18	Proprietário 18	Não
19	Rio Tinto	Posto 19	Proprietário 19	Não

Apêndice C – Gráficos das Respostas dos Questionários Enviados

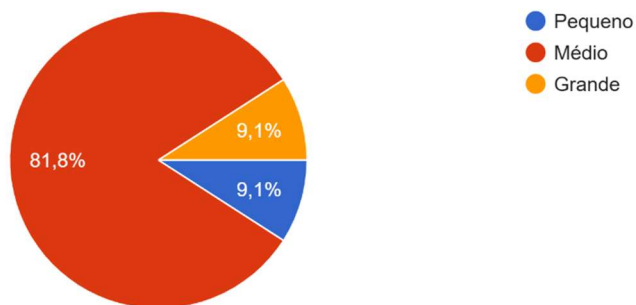
1. Há quanto tempo você atua no setor de combustíveis ?

11 respostas



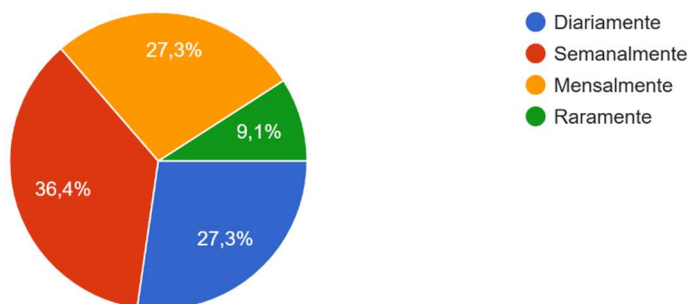
2. Qual o porte do seu posto?

11 respostas



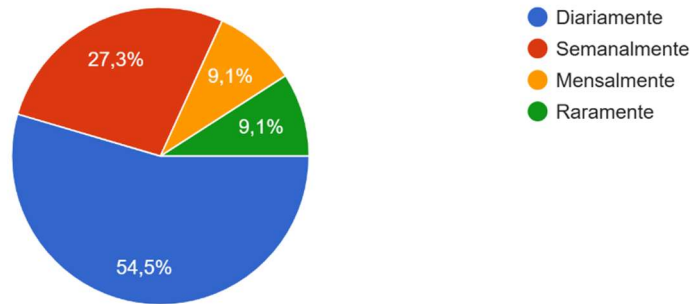
3. Você possui um controle mensal de receitas e despesas do seu posto?

11 respostas



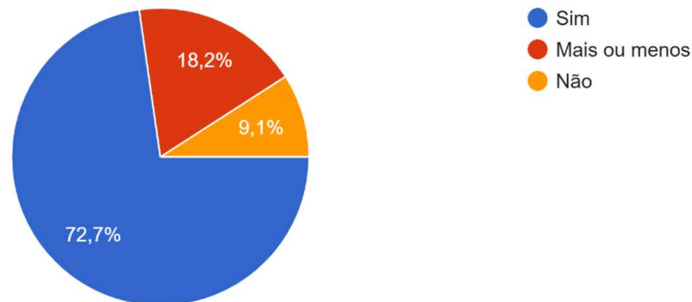
4. Com que frequência você analisa os relatórios financeiros do seu posto?

11 respostas



5. Você sabe calcular o custo real do litro de combustível vendido (considerando tributos, transporte, operação, etc.?)

11 respostas



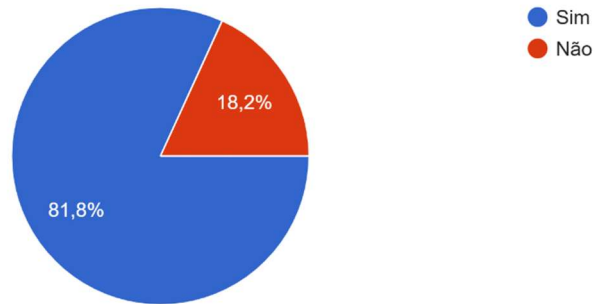
6. Como você define o preço de venda dos combustíveis?

11 respostas



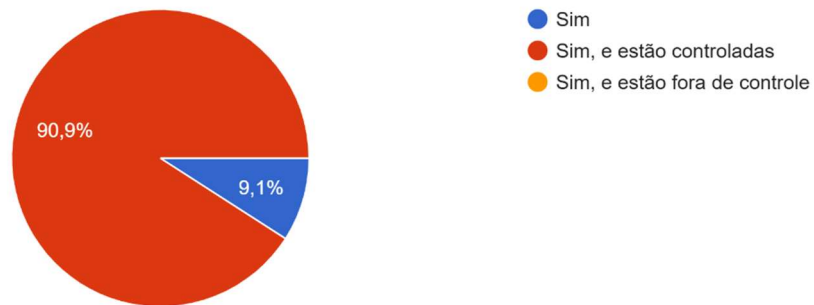
7. Você possui uma reserva financeira para emergências ou imprevistos no negócio?

11 respostas



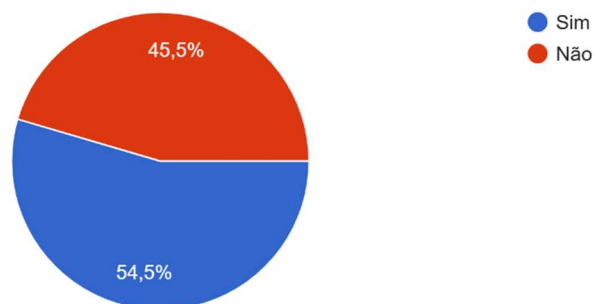
8. Seu posto possui dívidas em aberto atualmente?

11 respostas



9. Você já participou de algum curso ou palestra sobre Educação Financeira Empresarial?

11 respostas



10. De 1 a 5, como você avalia seu conhecimento sobre finanças empresariais?

 Copiar gráfico

11 respostas

